

O USO DOS COMPUTADORES EM BIBLIOTECONOMIA NO CONTEXTO DE UM HUMANISMO MODERNO(*)

TARCISIO ZANDONADE

Departamento de Biblioteconomia
Universidade de Brasília
70910 — Brasília, DF

O I Curso de Informática Documentária da UnB visa analisar o aproveitamento da informática — uma tecnologia altamente controversa — para a racionalização eletrônica da organização e disseminação da informação. O computador tem provocado, na prática bibliotecária, até mesmo retrocessos técnicos; mas, na medida em que for entendido como instrumento de extensão da mente humana, poderá vir a ter pleno sucesso na administração e controle dos registros de sua memória social — a biblioteca.

Segundo recente análise de um prestigioso semanário inglês, duas tecnologias vão exercer um impacto dramático no futuro da humanidade: a microeletrônica e a biotecnologia⁽¹⁾. Ambas têm em conjunto várias características; o que mais sobressai, entretanto, neste quadro é o fato de ambas serem tecnologias altamente controversas.

No momento em que esta Universidade inaugura o I Curso de Informática Documentária, cuja proposta básica visa ao aproveitamento da informática com vistas à racionalização eletrônica da organização e disseminação documentária, não podemos propor aqui um duelo de morte entre os partidários da automação a qualquer preço e seus radicais opositores, mesmo porque os possíveis problemas trazidos pela informatização — como aumento da distância entre países industrializados e países da periferia, concentração de renda, geração de desemprego, limitação da liberdade

(*) Palestra inaugural do I Curso de Informática Documentária, realizado no Departamento de Biblioteconomia da Universidade de Brasília, de 2 a 31 de maio de 1983.

individual e outros — já vêm sendo discutidos pela sociedade, e a universidade, como um todo, para prestar um autêntico serviço à comunidade, terá que se antecipar na análise desses problemas.

Será oportuno, entretanto, lembrar alguns equívocos, diante dos quais nós, bibliotecários, temos sucumbido com demasiada facilidade. Lamentavelmente, os profissionais da biblioteconomia temos aprendido a refugar o *mito das máquinas pensantes* mais pela sucessão de fracassos na automação de bibliotecas, ainda que não registrados na literatura especializada, do que pela convivência com sistemas operacionais bem sucedidos.

As falsas expectativas, provocadas pelo advento das máquinas redentoras, no que diz respeito às potencialidades da automação, têm gerado, no campo de biblioteconomia, um fenômeno de recessão técnica, acompanhado de ocorrências agudas de involução profissional. O índice KWIC, com seus familiares, uma técnica engenhosa e simples, criada para uma finalidade específica, tem sido utilizado, entre nós — porque passível de ser tratado por computador — como substituto definitivo de técnicas convencionais mais sofisticadas. Altamente sintomático é, ainda, o caso do livro científico brasileiro, que insiste em vir a lume despojado de qualquer índice, como se fosse uma caixa de Decrolly, desafiando enigmaticamente a perspicácia do estudioso. É oportuno lembrar que, no desenvolvimento dos registros gráficos do conhecimento, a civilização deu um salto mais significativo ao passar do *pergaminho* ao *livro* do que daquele à *fita magnética*. Produzir, hoje, um livro científico, memória de acesso aleatório, sem a chave de seu conteúdo — o índice — constitui um retrocesso técnico irreversível, especialmente no momento em que se pode contar com o computador como instrumento apto a colaborar neste processo.

O estágio a que chegou o desenvolvimento das tecnologias do computador, da telecomunicação e da reprografia parece confirmar o prognóstico de cientistas e de visionários, no sentido de que nos achamos às voltas com uma *revolução da informação*.

Da mesma forma que a *sociedade industrial* se desenvolveu a partir de uma proposta de substituição da força física do homem pela da máquina, o problema crucial da nova *sociedade da informação* consiste no estabelecimento de uma instrumentação capaz de expandir a memória cerebral do indivíduo, para fazer face ao acúmulo do conhecimento adquirido, no interesse da sobrevivência da espécie humana. A resposta a esse problema científico traz duas implicações fundamentais para a biblioteconomia: primeiro, o computador é um instrumento que o homem criou como extensão de sua personalidade, pelo que o seu uso somente poderá interessar à sobrevivência do próprio homem, na medida em que promover a exaltação dos verdadeiros valores humanos; segundo, a biblioteconomia, como ciência responsável pela administração da memória social do homem, deverá ter na informática a sua principal aliada e colaboradora.

A revolução industrial ofereceu à sociedade uma proposta humanística de bem-estar social para todos os indivíduos, partindo da eliminação do trabalho escravo do homem, a ser substituído pelas forças da termodinâmica. A História nos mostra a extensão do sucesso parcial dessa proposta e as causas dos fracassos. Em vista disto, um projeto humanista da *terceira onda* necessita de um exame apurado por parte da sociedade, ainda que esta *onda* venha já avançando célere e implacável.

É necessário, antes de tudo, lembrar que o computador, como inúmeros outros engenhos criados no decorrer da aventura humana, nasceu da arte da guerra, e sua aplicação científica fundamental tem sido, a leste e a oeste, no sentido de racionalizar operações de ataque e defesa nacionais e de conquista espacial. Quando aplicado, mais tarde, à gestão empresarial, o computador foi empenhado como auxiliar na racionalização dos esforços com vistas à acumulação de capital. Estes dois objetivos representam, ainda, na ótica de muitos governos e empresas, a finalidade última dos computadores.

De maneira crescente, entretanto, a partir da década passada, a informática, aliando-se a outras tecnologias avançadas, vem assumindo um papel relevante na solução de problemas de interesse social, em sistemas de educação auxiliada pelo computador, em sistemas de assistência médica e administração de saúde, bem como no estabelecimento e aperfeiçoamento de sistemas de recuperação da informação em bibliotecas.

Na medida em que o processo de informatização da sociedade se orienta no sentido da implementação de valores verdadeiramente humanos, não há porque temer o advento dos computadores. Assim como o homem medieval buscava, como valor supremo, o *bem* e o homem moderno buscava o *belo*, a sociedade contemporânea estabelece, como parâmetro supremo, o *útil*. A informática, aplicada à biblioteconomia, se reveste de incalculáveis potencialidades, desde que proponha ser um instrumento *útil* na tarefa de colaborar no atendimento das necessidades de informação de toda a sociedade.

Quanto mais a ciência procurar desvendar o processo de funcionamento do pensamento humano maiores serão as possibilidades de que a tecnologia dos computadores venha a colher resultados que aproximem o modo de operação da máquina da lógica humana. Para desempenhar esta tarefa concorrem, necessariamente, a biologia, a psicologia, a lingüística, a taxonomia, a matemática e outras tantas áreas de investigação científica.

No que diz respeito às bibliotecas, os computadores têm-se comportado como auxiliares eficientes no processamento técnico do material bibliográfico. No centro deste processamento acha-se o *catálogo*, um rol ordenado de *procuradores* ou *representantes* capazes de revelar ao usuário da biblioteca os pontos de acesso aos documentos de um determinado universo bibliográfico.

A representação catalográfica dos documentos constitui matéria de primeira ordem para um tratamento eletrônico, se levarmos em conta, exclusivamente, o cres-

cimento exponencial da informação registrada, fenômeno amplamente discutido na biblioteconomia sob a palavra-chave *explosão bibliográfica*. Além disto, uma única representação magnética — ou *registro* — de cada elemento dessa infundável espécie documentária opera, através da informática, um verdadeiro milagre da multiplicação. A proliferação dos *bancos de dados bibliográficos* aí está a comprovar este fato!

Mas não sem algumas limitações!

Há, basicamente, dois tipos de *catálogo*: no primeiro — o *catálogo algorítmico* — existe sempre uma relação biunívoca entre o elemento de busca trazido à biblioteca pelo leitor e a representação do documento inserida no catálogo como ponto de acesso. O usuário que busca, nesse catálogo, a representação de um documento, referindo-se, por exemplo, ao seu título ou autor, terá toda a probabilidade de identificar esse documento na coleção, bastando, para tanto, que o documento dela faça parte. Os passos constitutivos dessa operação de busca obedecem aos preceitos básicos da lógica formal e podem, por conseguinte, inequivocamente, ser delegados ao tratamento eletrônico.

No que diz respeito ao segundo tipo de *catálogo* — o *catálogo semântico* — onde o analista da informação procura representar, através de descritores ou de códigos numéricos, o universo conceitual versado nos documentos da biblioteca — o sucesso dos computadores tem sido mais limitado. O Ohio College Library Center (OCLC) dos Estados Unidos, a mais ampla rede de bibliotecas hoje instalada, opera eficiente catálogo algorítmico das bibliotecas participantes, as quais, entretanto, até recentemente, não cogitavam da elaboração de um catálogo temático. A ausência desse mecanismo de acesso ao assunto da coleção poderia ser justificada pelos hábitos dos usuários, que, segundo o OCLC, se satisfazem, em sua maioria, com o catálogo algorítmico. Não terá faltado, todavia, na balança da decisão final de excluir temporariamente a elaboração de um catálogo temático para aquela rede de bibliotecas, o peso da presente dificuldade de tratamento automático desse catálogo.

Enquanto se espera que a ciência da informação e a lingüística, aliadas a outras áreas que investigam a natureza da aquisição do conhecimento e da comunicação humana, continuem a buscar uma racionalização sempre crescente dos processos informacionais, o Departamento de Biblioteconomia e os demais setores da Universidade e da comunidade que cooperam na realização deste evento acreditam que este I Curso de Informática Documentária poderá se revelar uma excelente oportunidade para que profissionais da informação possam iniciar-se no manuseio efetivo de um instrumental de alta significação humana para a biblioteca e, principalmente, para o seu usuário. Portanto, mãos à obra!

Artigo recebido em 17.2.84

Abstract

The use of the computers in Librarianship within the context of a modern humanism

The *1 Curso de Informática Documentária* at the University of Brasília takes to study the use of computers — a highly controversial area of technology — for a rational organization and dissemination of documentary information. In library practice, the application of computers has even reversed the course of technical development; however, when rightly conceived as tools for the expansion of human mind, they certainly will make success in the administration and control of the library — our social memory.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

1 CHIPS & bugs: tiny technologies with a big future. London, *The Economist*, 1979. 19 p.